

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MARQUES, Eduardo Cesar Leão. Eduardo Cesar Leão Marques (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 15min).

**Eduardo Cesar Leão Marques  
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2017

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Celso Castro;

***Técnico de gravação:*** João Pugin;

***Local:*** São Paulo - SP - Brasil;

***Data:*** 18/07/2016 a 18/07/2016

***Duração:*** 1h 15min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

***Temas:*** Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Ciências sociais; Congressos e conferências; Engenharia; Ensino superior; Formação acadêmica; Magistério; Militância política; Obras de referência; Organizações não governamentais; Partido dos Trabalhadores - PT; Partidos políticos; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Políticas públicas; Rio de Janeiro (estado); São Paulo; Sociologia; Urbanismo; Viagens e visitas;

## *Sumário*

Entrevista: 18.07.2016

Formação escolar e acadêmica; graduação em Engenharia Civil; estudos de saneamento no Mestrado; trabalho na prefeitura de Angra dos Reis; filiação ao PT; mudança e adaptação a São Paulo; trabalho na prefeitura de São Paulo; saída da prefeitura; tentativa de montar ONG de políticas habitacionais; escolha pelo doutorado em Ciências Sociais; orientação de Argelina Figueiredo; retorno ao Rio de Janeiro; saída do Brasil para sanduíche; curso de métodos em Columbia University; aproximação com as teorias neoinstitucionalistas; contato com a sociologia relacional; a inclusão de análise de redes no projeto de doutorado; pós-doutorado e a cidade de São Paulo como objeto; período no CEBRAP; aproximação com as Ciências Sociais através da ABCP e da ANPOCS; as organizações internas dos GTs da ANPOCS; a militância desde as intervenções em políticas públicas; a ruptura com a militância partidária; a discussão de política urbana através da sociologia urbana; encontros anuais de sociologia urbana e regional; a experiência como professor de graduação; a transição para professor de pós-graduação; pesquisas sobre o espaço urbano; São Paulo como objeto de estudos; rede aberta de governança em grandes cidades; as políticas do urbano e as políticas no urbano; livro sobre políticas públicas em São Paulo; publicação das teses de doutorado e pós em livros; participação em associações, ABCP e IPSA; um livro que marcou a trajetória e a influência do neoinstitucionalismo.

*Entrevista: 18.07.2016<sup>1</sup>*

C.C. - Bom, Eduardo, em primeiro lugar, obrigado por colaborar com o nosso projeto, Memória das Ciências Sociais no Brasil. Eu queria começar perguntando um pouco das tuas origens familiares, onde você nasceu e a tua escolaridade antes da universidade.

E.M. - Eu é que agradeço, Celso. É um prazer estar aqui. Bom, eu sou carioca, nascido em Niterói, mas criado no Rio de Janeiro, no Flamengo. Fiz minha escola básica no colégio Zaccaria, ali no Catete. Depois fiz o ensino médio no Andrews. Os meus pais são... hoje são aposentados, mas eles eram professores secundários. E na verdade eu fui bolsista nas escolas, fui acompanhando os meus pais ao longo da trajetória de trabalho deles.

C.C. - Eles foram professores no Zaccarias e no Andrews?

E.M. - É, meu pai foi professor no Zaccarias e no Andrews. E antes eu tinha estudado no colégio Cruzeiro, bem pequenininho, que era onde a minha mãe dava aula.

C.C. - Cruzeiro, a escola alemã?

E.M. - É, a escola alemã, mas eu era bem pequenininho, foi antes da alfabetização.

C.C. - Os meus filhos estudam no Andrews.

E.M. - Ah, é? Ah, que legal. Agora é todo mundo lá no Humaitá.

C.C. - Humaitá. Antes era ali na praia de Botafogo.

E.M. - Eu só estudei no ensino médio lá. Enfim, o contexto eu acho que é meio esse. Flamengo, Catete, a vida organizada por aí, e primeiro o Zaccaria, depois o Andrews.

C.C. - E aí você faz engenharia, no Fundão?

E.M. - É. Então, eu tinha uma relação muito forte com a matemática, especialmente. Eu, acho que como quase todos os adolescentes, na hora de fazer vestibular, eu era uma pessoa muito confusa, tinha muitas dúvidas do que fazer. Mas eu tinha algumas coisas que eu gostava muito. Eu gostava muito de matemática e gostava muito de história. E eu tinha feito duas olimpíadas brasileiras de matemática, como aluno, no segundo grau já. E aí... meio induzido pelos professores... enfim, acabei decidindo por fazer engenharia. Prestei engenharia, passei na UFRJ e comecei a fazer engenharia. Logo do primeiro para o segundo semestre, eu já achei que eu não queria fazer engenharia. E aí eu prestei História, na Uerj, e fui aluno de História ali durante três anos, mas não cheguei a concluir História. Mas me marcou muito fazer essas duas coisas ao mesmo tempo. Então a minha socialização nas Ciências Humanas, digamos assim, foi pela História. Fazendo os dois cursos, e muito descontente com a engenharia, mas também atraído por algumas coisas dentro da engenharia, especialmente as coisas mais teóricas. Cálculo era um interesse muito forte. Física era um interesse, eu me divertia, achava bacana, gostava

---

<sup>1</sup> Versão revista pelo entrevistado.

bastante. Não gostava das coisas práticas, que é justamente o que caracteriza um engenheiro. (riso)

C.C. - Seus pais eram professores de que?

E.M. - Inglês.

C.C. - Inglês. Você nasceu em que ano, Eduardo?

E.M. - 1965. E aí eu, muito em dúvida o que eu ia fazer, cheguei a fazer um estágio em engenharia civil, propriamente, e depois fiz um estágio em engenharia hidráulica, que foi o que eu acabei fazendo como especialização, que era uma coisa que me atraía teoricamente também, porque tem uma similaridade com o imprevisível, com modelos menos preditivos e mais probabilísticos. Eu gostava bastante. Cheguei a fazer estágio em hidráulica, mas acabei, entrando na Fiocruz, no sexto semestre, na Escola Nacional de Saúde Pública, no departamento de Ciências Sociais. Comecei a trabalhar em um projeto de avaliação das políticas de saneamento do Planasa, no regime militar. A gente estava no meio dos anos 1980, tinha uma série de institutos de pesquisa e órgãos acadêmicos que estavam fazendo esse mesmo exercício de fazer uma avaliação crítica das políticas do regime por vários ângulos setoriais, e eu entrei nesse projeto. Então, a minha socialização nas Ciências Sociais propriamente foi na Ensp.

C.C. - Era essa a especialização em Saúde Pública que você fez ou não?

E.M. - Não, isso foi um estágio mesmo, antes. Quando eu concluí a graduação eu já estava plenamente integrado na Ensp. E eu tinha conseguido, mais ou menos, descobrir, ao longo desse período em que eu fiquei lá, dois anos e meio estagiando, várias pessoas com perfil similar, que tinham feito derivações disciplinares em algum momento. E eu descobri que tinha pelo menos duas saídas possíveis por dentro da engenharia. Uma delas era para a área de meio ambiente, e a outra era para a área de cidades, desigualdades e saúde, coisas que giravam nesse campo, assim. E essa foi uma das principais razões, *além da teimosia*, foi uma das principais razões de não desistir da engenharia. O curso de História era um curso de qualidade muito pior. Eu acho, inclusive, que ele foi, posteriormente transformado, com uma grande renovação. Mas naquele momento, era um curso muito antigo. Então, foi interessante, importante para mim, mas não era um curso que realmente me instigava, e aí eu fui perdendo o interesse gradativamente por ele.

C.C. - O curso de engenharia era tempo integral?

E.M. - Não, ele era até uma hora da tarde, inclusive no sábado.

C.C. - E você fazia à noite na Uerj?

E.M. - Fazia à noite na Uerj. E aí, à medida em que o estágio foi ficando cada vez mais legal e importante, a História foi cada vez mais perdendo a graça.

C.C. - Você quase concluiu três anos?

E.M. - É... acho que disciplinas concluídas mesmo, talvez dois anos e meio. Tanto que isso é uma coisa que, por vezes, eu nem coloco em currículos porque eu não tenho nem comprovação dessas coisas da Uerj.

C.C. - Entendi. Mas aí o mestrado você vai fazer no Ippur.

E.M. - Isso. Aí a especialização eu fiz na própria Fiocruz. Um pouco uma continuidade dessa experiência. E eu tinha uma pessoa que trabalhava comigo, que era meu chefe direto, o Alberto Najar, que é pesquisador até hoje lá do departamento de Ciências Sociais da Ensp, e que também tinha feito engenharia e estava acabando o mestrado no Ippur. E aí eu fui para o mestrado em planejamento urbano e regional no Ippur, que era desde aquela época, já era um mestrado em Sociologia urbana e regional. Com uma carga muito forte sócio-econômica, uma certa sociologia urbana marxista francesa. Era um curso que tinha saído da Coppe. Tinha sido criado com financiamento do BNH para criar uma coisa bem técnica dentro da Coppe, e que, na virada dos anos 1970 para os anos 1980, ele saiu da Coppe, porque já não tinha mais patrocínio do BNH. E um conjunto de professores de esquerda, que tinha vindo da França principalmente, retornados dos seus doutorados, deu uma outra vertente, mais para a área de análise social e análise urbana, que é a análise que caracteriza o Ippur até hoje.

C.C. - O Luiz César Queiroz Ribeiro, você já conhecia? Que vai ser o teu orientador.

E.M. - Não.

C.C. - Você conheceu lá, não é?

E.M. - É, eu conheci todo mundo lá. Várias pessoas que foram muito importantes na minha formação, que não têm muito a ver com o meu trabalho posterior, mas que foram importantes para a minha formação intelectual. Ana Clara Torres, já falecida, o Carlos Wainer, o grupo do Luiz César, com o Adauto, a Luciana... Esses eram um pouco mais velhos que eu, mas que já estavam começando a dar aula, que tinham acabado o mestrado e não tinham o doutorado ainda, e que foram importantes no diálogo, em uma interlocução. Paralelamente a isso, tem uma outra coisa formativa importante para mim, eu acho, que é uma certa trajetória mais próxima das políticas públicas propriamente. Então, durante o mestrado eu trabalhei na Fase, que é uma ONG de organização popular, antiga, na Baixada Fluminense, dando assessoria a movimentos de habitação e saneamento. Foi uma das poucas vezes que eu usei o saneamento na minha trajetória (riso).

C.C. - Mas o saneamento está como tema do teu mestrado?

E.M. - Isso.

C.C. - Você levou da pesquisa anterior ou foi uma pesquisa nova?

E.M. - Não, o anterior na Fase não tinha nada a ver com pesquisa, era próxima da ação mesmo. Quer dizer, na Fiocruz eu trabalhava com política de saneamento, mas era em nível nacional. Era avaliação do Planasa. E o meu mestrado foi sobre as políticas de saneamento básico, e o meu doutorado também, que foi uma continuidade do mestrado. Os dois analisando as políticas de saneamento no estado do Rio de Janeiro, mas aí em um nível intraurbano, discutindo segregação sócio-espacial, dialogando muito com uma tradição francesa, principalmente Edmond Preteceille, de discussão de segregação sócio-espacial, distribuição dos grupos sociais no espaço e distribuição dos equipamentos públicos. Para discutir encaixes e desencaixes entre uma coisa e outra, acesso a políticas. Aí, quando eu saí da Fase, eu fui para a prefeitura de

Angra. Trabalhei durante um período curto na prefeitura de Angra, que foi a primeira gestão de uma longa... acho que foram quatro gestões seguidas do PT, mas esse foi a primeira gestão. Foi uma gestão muito complicada, com muitos conflitos políticos. Então, eu fiquei alguns meses lá, saí de lá e fui convidado para vir para cá para São Paulo.

C.C. - Mas a tua função era qual?

E.M. - Eu era subsecretário de obras e serviços públicos. Mas foi muito curto. Mas nessa trajetória, ela foi importante porque demonstrou um certo interesse da prática, de ter uma intervenção concreta na política. E também é importante para explicar, em termos causais, como é que eu vim parar em São Paulo. Porque quando eu saí de Angra, eu ainda era aluno de mestrado. Já tinha acabado os créditos. O mestrado era muito longo, não é? Então eu já tinha acabado os créditos. Já não tinha bolsa há muito tempo. Ainda tinha prazo, estava fazendo a dissertação, mas precisava sobreviver. Aí eu fui convidado para vir para cá para trabalhar no governo Erundina.

C.C. - Você era filiado ao PT?

E.M. - Era filiado.

C.C. - Desde quando? Como é que você se aproximou?

E.M. - Não sei dizer quando especificamente, mas eu devo ter me filiado em 1987, 1988, alguma coisa assim. Antes, portanto, dessas passagens pelo poder público. Então eu vim para cá, para trabalhar como assessor do programa de favelas, que era um programa que estava sendo montado naquele momento. Foi o primeiro programa de favelas da prefeitura de São Paulo. E, enfim, uma escala... cidade de São Paulo, não é? Então, uma escala de mil e cem favelas, mil e cinquenta favelas. Orçamentos gigantescos necessários para as obras, capacidade administrativa e técnica zero.

C.C. - Isso em que ano que você veio para São Paulo?

E.M. - Em 1991.

C.C. - Em 1991. Agora, vamos dizer, o contato. Como é que foi que você veio para São Paulo? Você tinha...

E.M. - Ah, eram pessoas que tinham contatos dentro da rede das pessoas que trabalhavam em administrações petistas, ou que tinham feito campanha para os governos cariocas. Pessoas que eu conhecia dessa rede de relações interpessoais. O convite mais específico foi de um arquiteto, chamado Paulo Saad, que é um arquiteto da Cehab do Rio, que estava vindo, que tinha muita experiência em projetos de favela, tinha trabalhado na urbanização do Santa Marta e na urbanização do Pavão-Pavãozinho, nos primeiros projetos. E veio para cá a convite do Nabil Bonduki, que era o superintendente de habitação popular, para ajudar a montar justamente esse programa, que se chamava GEUfavelas, Grupo Executivo de Urbanização de Favelas. E foi uma experiência muito importante para mim. Fiquei três anos na administração. Foi super intenso. O meu plano era ficar durante o período em que eu precisava me financiar para concluir a dissertação. O plano era escrever dissertação à noite, enquanto eu trabalhava de dia. E o meu trato com a minha chefe era que eu ia ficar aqui durante nove meses. Minha chefe era a Laura

Bueno, uma arquiteta, que hoje é professora da PUC-Camp. E aí, enfim... a vida foi rolando, foi ficando interessante, comecei a namorar, casei e tal. E nunca mais voltei. Quer dizer, depois teve um pequeno período em que eu voltei para o Rio, mas acabei me implantando aqui em São Paulo. Quando acabou a administração, é...

C.C. - Você já conhecia São Paulo antes?

E.M. - Não. Quer dizer, já tinha vindo a São Paulo, mas não tinha nenhuma relação afetiva nem de conhecimento com a cidade.

C.C. - Então qual é essa experiência de um carioca vindo de vez para São Paulo? No início, você não imaginasse que seria de vez?

E.M. - Ah, foi muito boa, muito boa. Assim, na verdade, o trabalho da prefeitura era tão intenso. Foi uma experiência tão intensa e tão total, no sentido de que a vida inteira era o trabalho, os amigos eram aquilo, fim de semana. E tinha o mutirão no fim de semana, de construção de habitação. E a pessoa que veio a ser minha companheira naquela época, minha primeira companheira, ela trabalhava com de urbanização de favelas diretamente, ela é arquiteta. Então tinha a coisa dos mutirões no fim de semana. Não sei se eu me mudei para São Paulo ou me mudei para a prefeitura de São Paulo (risos).

C.C. - Imersão total. (risos)

E.M. - Quando acabou a gestão, justamente por isso, deu uma depressão profunda, não é? Porque a gente ficava pensando nela o tempo inteiro, trabalhando o tempo inteiro nela e já não tinha mais. Então, um conjunto de pessoas da gestão tentaram montar uma ONG, chamada Cidade e democracia, umas quinze pessoas talvez, que teve vida curta, pelo menos conosco. Ela depois continuou existindo, mas com a gente teve vida curta. O dilema era ali para mim colocado era: eu tinha defendido o mestrado no meio desse processo. A minha dúvida era se eu ia para o doutorado, se eu apostava na carreira acadêmica ou se eu apostava em uma carreira de quadro partidário, em prefeituras, no poder público. Porque teve muitas pessoas da minha geração que fizeram isso, aceitando convites para ir para outras prefeituras e para refazer ou continuar fazendo o tipo de política que a gente estava fazendo naquele momento. Então, esse GEUFavelas, essa experiência de favelas foi muito estruturadora, em uma ausência de capacidade técnica, foi muito estruturadora. E aí, durante o primeiro ano que a gente ficou fora da prefeitura, foi um ano meio de transição, em que a gente tentou fazer uma alternativa intermediária, que era trabalhar com essa ONG, que permitia continuar morando em São Paulo, não entrar em prefeitura nenhuma, mas interferir nas políticas propondo políticas e programas. Não era um escritório de projetos porque não era essa a ideia. Era um escritório de políticas, digamos assim, não é?

C.C. - Entendi.

E.M. - Para pensar políticas habitacionais similares, mas não deu certo. A gente ficou lá um ano sem muito trabalho, e eu fui gradativamente definindo a minha cabeça, bem claramente. No final do ano já estava claro que eu não queria virar quadro partidário, não queria ir para prefeitura nenhuma, eu queria voltar para a academia.



C.C. - Mas você voltou para o Rio um tempo? Professor visitante lá na Fiocruz?

E.M. - É, na Fiocruz, na própria Fiocruz. Mas foi no meio do meu doutorado.

C.C. - Já no doutorado?

E.M. - É. E aí, no final desse ano eu prestei. Eu tive dúvidas, porque a minha formação era muito pouco ortodoxa, para dizer o mínimo, então eu tinha muitos pontos de saída, digamos assim. Eu fiquei em dúvida ao menos entre a arquitetura e as ciências sociais. Então eu cheguei a fazer uma disciplina como aluno especial na FAU. E nas Ciências Sociais eu cheguei, depois de muito pensar, eu cheguei à conclusão que eu queria completar minha formação. No Ippur na minha opinião eu tinha tido uma formação em Sociologia bastante boa, eu tinha sido introduzido à Sociologia de uma forma bem sólida, com uma marca muito forte do marxismo francês, não é? Com várias lacunas em relação à Sociologia americana, entretanto, por exemplo, mas eu tinha uma base. E o Ippur era muito sério, continua sendo. Mas eu tinha uma formação *muito fraca* em Ciência Política. Porque o Ippur não tinha ênfase nisso. Na verdade, tinha até um certo preconceito. E eu queria trabalhar, desde o começo, a minha preocupação era políticas públicas. Políticas públicas e cidades. Essas duas coisas estão presentes desde a Ensp. Então, eu acabei decidindo. A minha ideia para o doutorado era complementar a minha formação. Não era virar professor de Ciência Política. Era aprender Ciência Política para cobrir essa lacuna. Nessa época, no final dos 1980 e começo dos 1990, o Nepp da Unicamp, o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, era muito forte, muito importante. Então eu fui lá, sem conhecer absolutamente nada, ninguém, só a literatura, tendo lido bastante, mas sem conhecer as pessoas, sem ter contato pessoal nenhum. Eu peguei um carro, fui para Campinas, perguntei no serviço de informação da universidade onde ficava o Nepp, fui no Nepp, perguntei qual era o curso que eles ofereciam pois eu queria fazer doutorado. A pessoa me disse: “Não, você está mal informado. Aqui não tem doutorado não. Porque os núcleos não têm curso. Você tem que ir nos institutos de onde os professores são. Aqui têm os professores da Economia e das Ciências Sociais”. Aí, eu fui para a Economia, peguei lá as informações. Fui nas Ciências Sociais, e vi que o meu interesse era, na verdade, em Ciências Sociais, em uma área de governo e políticas públicas.

C.C. - E por que você pensou na Unicamp e não na USP?

E.M. - Isso é muito curioso. Primeiro porque, na área de políticas públicas, não era um lugar muito atrativo na época.

C.C. - A USP?

E.M. - A USP. Mas além disso, estava claro para mim, e eu acho que era verdade, mas isso nunca saberemos, que a USP não me aceitaria no doutorado. Não aceitaria uma pessoa com uma trajetória heterodoxa no doutorado. A USP era um lugar fechado, endogâmico, em que as pessoas que entravam e se formavam eram pessoas que tinham feito graduação lá, mestrado lá, tinham relações pessoais com os professores. Por uma ironia do destino enorme, depois eu voltei como professor, não é?

C.C. - Mas o sistema também ...

E.M. - Mas eu voltei professor em um outro momento. Não acho que isso fosse ingenuidade da minha parte, não mapeava direito, mas essa sensação que eu tinha em relação à USP não estava equivocada. Houve uma mudança geracional e do ambiente da USP, do projeto intelectual, ao menos parcialmente, do momento que eu fiz o doutorado para o momento que eu virei professor, que explica que eu tenha virado professor depois. Desculpe, se eu te interrompi ...

C.C. - Não, porque o sistema de ingresso na pós-graduação na USP, o antigo, o professor escolhia, praticamente, os orientandos, não é?

E.M. - É.

C.C. - O que favorecia esse recrutamento endógeno. Aluno de graduação, mestrado, doutorado.

E.M. - Administrativamente, isso ainda é possível, sabia? Até hoje é possível o cara dizer que aprova o aluno fora da seleção coletiva. Vez por outra, é raro, mas acontece. Há uns anos atrás, teve o caso de um professor que disse: “Eu quero que fulano passe”. Aí o *pool* do departamento disse: “Não, mas tem que fazer a seleção, esse cara não está entre os melhores”. Aí ele disse: “Então, tá bom. Então ele vai ser meu doutorando”. Essa coisa ainda é possível. Os titulares têm prerrogativa de fazer isso.

C.C. - Bom, na Unicamp já era outro sistema...

E.M. - É, a Unicamp já era muito mais arejado, totalmente diferente...

C.C. - Universidade mais nova também.

E.M. - É. E tinha uma coisa que me atraía, que era um ambiente menos disciplinar. Eu tive sempre uma visão interdisciplinar, por conta da minha trajetória, mas por conta dos meus assuntos. Os meus assuntos são bem interdisciplinares. Então, estar em um doutorado que não era de Ciência Política, que era de Ciências Sociais e onde eu tinha colegas da Antropologia, da Sociologia, e que a gente fazia matérias comuns, mas fazia matérias também que eram só da área de políticas públicas e Estado, foi importante.

C.C. - Você já conhecia a Argelina? Não, não é?

E.M. - Não.

C.C. - Não conhecia ninguém ... Conhecia a tua orientadora?

E.M. - Não conhecia absolutamente ninguém.

C.C. - Fez a seleção. Não precisava indicar orientador.

E.M. - Não, não precisava indicar orientador. Meu primeiro orientador, por um período muito curto de tempo, foi o Vilmar Faria. A primeira pessoa com quem eu conversei sobre o meu projeto, e que foi *muito* simpática, muito receptiva, como ela sempre é, e muito academicamente capaz, foi a Argelina. Isso é uma coisa curiosa. A primeira pessoa com quem eu conversei, senti e conversei sobre o curso foi indicado por uma amiga do Rio que estava fazendo Antropologia lá. Dentre as pessoas da área, ele disse, “olha, o seu assunto tem mais a

ver, pelo que eu sei, essa pessoa é legal. Vai lá conversar com ela”. Eu fui, conversei e foi ótimo! Foi uma conversa ótima. Mas foi uma conversa apenas de recepção acadêmica. E aí eu entrei, comecei a cursar. O Vilmar tinha toda uma discussão sobre urbanização brasileira, não é? E a Argelina tinha tido uma contribuição muito importante no Nepp em políticas públicas, mas estava, exatamente naquele momento, fazendo o projeto dela sobre o Congresso. Então, ela estava dialogando, na verdade, com outro campo de questões. E aí eu fui, conversei com o Vilmar, mas nunca tive uma relação de orientação com ele, porque logo depois que eu conversei e a gente combinou, ele me ligou e disse que tinha sido convidado pelo Fernando Henrique para ir para Brasília. Poderia até ficar me orientando, mas de lá. Eu achei que não valia a pena. Fiz o destrato, e conversei com a Argelina. Ela me recebeu muito bem, e foi uma pessoa que marcou *muito* a minha trajetória. Muito.

C.C. - E aí que você aprendeu Ciência Política?

E.M. - É. E a Argelina tinha um conjunto muito importante, quase uma comunidade de orientandos e pessoas muito próximas dela e que eram muito boas, e foi importante para mim também esse diálogo. Algumas dessas pessoas ficaram minhas amigas e colaboradoras até hoje, como a Marta Arretche, que foi orientanda da Argelina na mesma época. Um pouquinho mais na frente, um pouquinho antes de mim, mas a Marta ainda estava lá quando eu estava. Aí no meio do doutorado, me chamaram para ocupar uma vaga de professor visitante na Fiocruz, na Ensp. Eu já tinha acabado os créditos, e fiquei um ano e meio nessa coisa de ir e voltar. Tive então uma experiência de volta ao Rio de Janeiro durante um período curto, e ela engatou diretamente com a minha sanduíche.

C.C. - Você morou no Rio nesse período?

E.M. - Eu cheguei a morar um ano no Rio. Flertei com a possibilidade de voltar para o Rio, mas a pessoa que era a minha companheira na época não se adaptou direito. Quando acabou a sanduíche, voltamos para São Paulo.

C.C. - Você foi para a Columbia em 1996?

E.M. - 1996, 1997.

C.C. - Metade de 1996, o ano acadêmico...

E.M. - É, 1996-1997. Primeiro eu fui para o ICPSR, para Michigan. Durante esse período todo, eu acho que até hoje na verdade, eu me mantenho um pouco longe da área de métodos, pois ficou claro para mim que eu rapidamente ia me tornar o cara que era o engenheiro que sabia fazer contas, e não era isso que eu queria fazer.

C.C. - Michigan era o curso-treinamento em métodos...?

E.M. - É, é o curso mais importante de métodos. É o modelo de summer school, que pega o verão acadêmico, que, no caso norte-americano, é encaixado com os cursos de métodos nas universidades. Então é um modelo muito estabelecido já, que as universidades pagam. Você paga a sua universidade pelos créditos, e a universidade compra a vaga para você em Michigan. Então, os cursos mais básicos são dados na universidade, por um professor lá que dá um curso de métodos básico. Mas os cursos especializados, os métodos mais avançados que você quer

utilizar, você vai para Michigan e fica lá fazendo. São, sei lá, duzentos alunos, vinte cursos ao mesmo tempo, bibliotecas fantásticas, feiras de livros sensacionais, foi ótimo! Eu fiquei durante dois meses lá, e depois fui para Columbia, para o departamento de Ciência Política para ficar com o Ira Katznelson. Foi  *muito* importante na minha formação, na minha trajetória essa passagem. Eu estava impactado fortemente pelo neoinstitucionalismo. Acho que o que mais me marcou no doutorado foi esse encontro com o neoinstitucionalismo. Um pouco do marxismo analítico também, Elster, Przeworsky, mas principalmente o neoinstitucionalismo. Quando eu fui para a sanduíche, eu já fui procurando isso. O Ira Katznelson é um dos fundadores do movimento, tem lá um artigo no *Bringing the State back in*. E ele também tinha uma produção que dialogava com cidade, e com o marxismo em um certo momento. Ele tem um livro que se chama *Marxism and the city*. E ele tem uma produção do começo dos anos 1980 falando sobre cidades, urbanização nos Estados Unidos, e ligando com a formação do sistema partidário. Tem um livro famoso, importante, chamado *City trenches*, que era super influente. Então eu fui para ficar com ele e acabei encontrando uma outra coisa. Quer dizer, complementei, essa formação neoinstitucionalista até aquele momento. Li muito, dialoguei com várias pessoas. Mas encontrei em Columbia, onde eu estava especificamente, a Sociologia relacional. Que tem na análise de redes a sua ferramenta, digamos assim, técnica, mas que é muito mais ampla do que isso. Nisso tinha lá o Charles Tilly, que era um neoinstitucionalista, também um fundador do movimento, mas que tinha uma dimensão relacional muito forte. E em Columbia, por ser em Nova York, tinha também a New School. O Tilly tinha vindo da New School recentemente, na New School estava o Mustafa Emirbayer ainda. Eu fiz um curso com o Mustafa, que é um professor de teoria política, na verdade, que não faz pesquisa empírica. Mas eu fiz um curso com ele de análise de redes, que era ler a literatura recente de análise de rede sobre os mais variados temas. Ele estava interessado em entender as potencialidades para a teoria social dos argumentos e das técnicas que a Sociologia relacional estava produzindo. E dialogar com as pessoas mais jovens que estavam fazendo doutorado, como eu também, A Ann Mische, por exemplo. Foi muito importante esse encontro lá.

C.C. - Você fez cursos regulares nesse período lá?

E.M. - Fiz, fiz.

C.C. - Columbia também?

E.M. Fiz o curso do Katznelson. Fiz um curso de Sociologia urbana, do Peter Marcuse, que eram, na verdade, conferências, cada semana vinha alguém falar, aproveitando a centralidade de Nova York. E fiz esse curso do Emirbayer. Frequentei também dois grupos de estudos. O grupo do Tilly, que foi  *muito* importante para mim. Se encontrava a cada quinze dias. E um outro grupo na New School sobre assuntos mais urbanos. Aí, a minha tese de doutorado incorporou análise de redes. Quando eu fui para Nova York, eu não fazia a menor ideia do que era uma rede. O meu campo estava feito. Quando eu fui e descobri análise de redes lá, e descobri a Sociologia relacional, eu voltei e tive que refazer um novo conjunto de entrevistas. Começou com o Katznelson. Na primeira conversa que eu tive com ele, eu expliquei o projeto. Eu tinha mandado duas páginas, em inglês, de resumo do projeto. E ele tinha me aceito com base nisso. Mas na primeira conversa que a gente teve, eu contei mais longamente a pesquisa, e ele disse: “Você sabe o que é análise de redes?”, eu disse: “Não faço a menor ideia”, “Então,

você vai saber”. Aí, ele me deu uma lista de pessoas que eu devia procurar. Então, quando eu voltei para o Brasil, eu refiz uma parte do campo para poder incorporar redes.

C.C. - E a Argelina aceitou bem essa sua combinação?

E.M. - Argelina aceitou, exatamente. Aceitou assim: “Não faço ideia o que é isso, mas parece fazer sentido”. Na generosa tradução intelectual dela, fazia sentido para o argumento. “Vamos ver o que você consegue fazer com isso”. E acabou virando a tese.

C.C. - Agora, o teu campo empírico continuava sendo o Rio de Janeiro?

E.M. - Sim.

C.C. - Mesmo a experiência de São Paulo não tinha feito mudar de cidade, de objeto.

E.M. – Não. Dos quatro anos do doutorado, eu fiquei quase um ano fora, fiquei quase um ano no Rio de Janeiro, e teve um ano de créditos que era entre São Paulo e Campinas. Assim, eu não tinha uma vivência de pesquisa em São Paulo, embora tivesse o trabalho anterior na prefeitura. No fundo... na verdade, isso é uma coisa interessante, que eu nem me lembrava mais: a tese, originalmente, era uma comparação da Cedae com a Sabesp. Só que a parte da Cedae foi ficando cada vez maior. Se tornou completamente impossível estudar o outro caso. E depois virou um livro de trezentas e quarenta páginas só sobre um dos dois casos.

C.C. - Que é comum acontecer. O orientador... você deve ver isso, não é?

E.M. – Sim, com certeza.

C.C. - Começa um projeto comparativo e acaba...

E.M. - Então eu estava absolutamente integrado em São Paulo, mas eu não tinha São Paulo como objeto. Quando eu acabei o doutorado, a Argelina me convidou para apresentar um projeto de pós-doc no Cebrap, no grupo dela, que era um projeto temático que acabou virando essa linha toda de estudos legislativos desenvolvida por ela.

C.C. - Esse era aquele programa de formação de quadros, que oferecia bolsas de pós-doutorado. Foi nesse que você...?

E.M. - Não, não. Na verdade, nessa época, nem tinha bolsa de pós-doutorado no programa de formação de quadros. O programa de formação de quadros era ainda para mestrandos e doutorandos. Depois é que ele virou pós-doc, que foi o último formato dele. Não, ela me chamou: “Você não quer apresentar um projeto? A gente pede uma bolsa para a Fapesp...”.

C.C. - Uhum...

E.M. - “... com o seu projeto, ligado ao meu temático”. E foi aí que eu entrei no Cebrap. E aí o projeto já era sobre São Paulo. A minha ideia era comparar, produzir um outro estudo sobre intermediação de interesses, redes, empreiteiras e produção do espaço com uma outra burocracia, com uma agência estatal organizada institucionalmente de outra forma. Porque eu tinha estudado no doutorado uma empresa pública. Então, estudar uma secretaria da administração direta, que não tem padrão de carreira, que os engenheiros saem e voltam, as

peças transitam para lá e para cá E em um outro nível de governo, não mais no estado, mas agora no município, e em uma outra cidade, não no Rio, mas em São Paulo. A comparação dos dois padrões, depois, foi muito importante para mim. Foi a minha introdução no Cebrap, onde eu fiquei por dois anos e meio com essa bolsa. Uns oito ou dez meses depois, a Maria Hermínia me convidou para oferecer um curso na USP, digamos assim, como uma parte extra da minha bolsa. Fez essa mesma oferta para mim e para a Vera Schattan, e nós apresentamos um curso sobre políticas sociais. Demos um curso na graduação, uma optativa na graduação de políticas sociais.

C.C. - Agora, em termos disciplinares. Nessa época você começa a participar da ABCP também.

E.M. - Isso.

C.C. - Você já tinha migrado de vez, de mala e cuia para a Ciência Política? Já se considerava ...

E.M. - É, eu já estava trabalhando mesmo na área e participava intensamente da Anpocs.

C.C. - O doutorado na Unicamp era Ciências Sociais, não é? Com diversas pessoas com as suas especializações.

E.M. - Isso. Dentro da Anpocs, o GT de Políticas Públicas teve um momento em que ele desapareceu. Esse foi o momento em que eu estava no doutorado. Então, eu estava no doutorado no momento em que não havia grupo. Acho que foram duas renovações de GT, que pessoas apresentaram o projeto e foram derrotadas. Então a gente ficou sem o GT de Políticas Públicas. Então, as primeiras vezes que eu apresentei na Anpocs foram em outros GT's. E quando a ABCP foi reorganizada, eu passei a participar. Um pouco mais para frente, me convidaram para ser secretário adjunto em uma chapa para a diretoria com o Gláucio Soares e a Sônia Draibe. Eu era adjunto da Sônia Draibe. E eu já... não sei se eu me considerava cientista político, não sei. Enfim, eu nunca me incomodei com essas identidades dessa forma. Já fazia sentido, para mim, participar da ABCP de maneira plena. Já tinha interlocuções com pessoas na ABCP, com a Celina Sousa, que era a coordenadora da área temática na ABCP na época, com a Marta e com diversas outras pessoas que transitavam por lá. Aí, logo depois, a Marta e eu, nessa linha de engajamento na comunidade, fizemos uma proposta de GT, que foi aprovada na Anpocs. Acho que a recomposição que aconteceu nos próximos anos foi muito importante, colocando em um outro patamar essa área de políticas públicas no Brasil. Isso foi produto da associação de uma certa geração de pesquisadores que propôs o GT de Políticas Públicas da Anpocs, tinha relações com a área temática de Políticas Públicas na ABCP e passou a fazer uma gestão compartilhada desses dois espaços, usando-os diferenciadamente. A Anpocs tem muito menos vagas para apresentar e a ABCP tem muito mais. Combinamos então sempre uma composição temática, de geração, de idade, estabelecendo regras mínimas de rodízio, etc. Informalmente, já há muito tempo os fundadores só podem apresentar trabalho ano sim, ano não para não monopolizar e abrir sempre espaço. E foi adensando, não é? Esse grupo envolve pessoas de Minas Gerais, o Carlos Aurélio Pimenta de Faria e a Telma Menicucci, a Sandra Gomes, que está hoje no Rio Grande do Norte, a Celina da Bahia, o Washington Bonfim do Piauí, a Soraya Cortes do Rio Grande do Sul, o Gilberto Hochman da Fiocruz etc. Então

tínhamos um trânsito que contribuiu para a consolidação dessa área, mudando o seu patamar. E a gente fez uma série de livros com os trabalhos dos encontros, livros mais teóricos, outros mais empíricos, Dossiês, mesas redondas.

C.C. - Agora, só uma curiosidade. É que algumas pessoas com quem eu tenho falado recentemente têm a impressão de que o fortalecimento das associações específicas das áreas, da ABCP, Relações Internacionais também criou uma, não é? Quer dizer, a ABA e a SBS são mais antigas, mas estão muito atuantes, de certa forma esvaziaram a Anpocs. Assim, a Anpocs foi muito importante em uma área em que essas associações específicas eram mais precárias ou não existiam direito. A ABCP foi recriada, não é? E que hoje em dia você não vê grandes discussões, grandes nomes na Anpocs, você vê mais. Não sei se a tua impressão, participando dos dois, é essa.

E.M. - Eu acho que na área de Políticas Públicas, isso não é verdade. A gente conseguiu manter as duas, embora haja uma especialização funcional, digamos assim, na comunidade para cada uma delas. Na Anpocs acontecem debates mais interdisciplinares. Eu ocupei a coordenação do grupo da Anpocs, e depois da área temática da ABCP lá trás, mas essa foi circulando sempre entre essas outras pessoas e hoje uma geração bem mais nova é que está assumindo isso. A Sandra Gomes, a Renata Bichir, a Gabriela Lotta, estão assumindo essas coordenações, mas tem uma discussão colegiada no próprio GT, que foi coordenando, digamos assim, essas duas articulações. A Anpocs como um espaço mais aberto em termos disciplinares, com um diálogo com a participação de economistas, muitos sociólogos, pessoas da área de arquitetura. E na ABCP uma discussão mais disciplinar propriamente, que fala mais para a discussão sobre partidos, dialoga mais para dentro da disciplina, digamos assim. Eu não acho que tem um esvaziamento, não. Eu acho que a área de RI que sofreu fortemente isso, não é? Mas eu não acho que na área de ...

C.C. - Ciência Política...

E.M. - Não sei se de Ciência Política. De Políticas Públicas.

C.C. - De Políticas Públicas. Agora, uma outra questão também aqui mais geral. Você mencionou aqui no início da tua trajetória, essa militância política foi muito importante para ir para Angra, para vir para São Paulo. E depois disso? Quer dizer, você fazendo doutorado, Cebrap, como é que ficou? O PT chegou ao poder. Pouco depois você está entrando na USP, não é? Nesse período aí de dez anos ou mais, como é que ficou?

E.M. - Então, a gente parou a minha trajetória imediatamente quando eu entrei no Cebrap, não é? Logo que eu entrei no Cebrap, o Cebrap, coletivamente, decidi fazer uma proposta para a Fapesp para a criação de um centro novo, que é o Centro de Estudos da Metrópole, respondendo a um edital de criação dos Cepids. E esse processo foi bem-sucedido. Eu era um jovem doutor na época, eu tinha dois anos de doutorado, e comecei a trabalhar lá... A Argelina virou, por razões diversas, um ano depois, a diretora do Centro. E uns dois anos depois disso, eu virei o coordenador de pesquisas, e a sucedi depois de quatro anos e meio.

C.C. - Como diretor?

E.M. - Como diretor. E o CEM, o tempo inteiro teve uma dimensão muito forte de diálogo com as políticas públicas. E aí a minha produção acadêmica foi toda orientada para dentro do CEM. Inclusive agendas de pesquisa com as quais eu não estava muito conectado na época do doutorado, eu voltei a elas, como a segregação, por razões mais institucionais. Eu fiz um monte de coisas nessa área pois o CEM estava lá, tinha um monte de gente, tinha discussões interessantes, tinha dados, tinha gente para trabalhar, etc. E o CEM, como todos os Cepids, tem necessariamente transferência, difusão e pesquisa. E na área de transferência, a gente organizou a área de transferência para produzir bases de dados geo-referenciadas principalmente, mas não só, também para disponibilizar essas bases gratuitamente para o mundo acadêmico e para o poder público. E também produzir pesquisas aplicadas a políticas públicas para o poder público. Assim, dentro do CEM, através do CEM, eu trabalhei, ao longo dos últimos quinze anos, em muitos projetos com o poder público. Eu devo ter trabalhado em trinta e dois, trinta e três, e devo ter coordenado vinte e oito, ou vinte e sete desses projetos. Então essa demanda, digamos assim, pessoal, de intervenção nas políticas, para mim, sempre está presente e eu tenho muito interesse nela. Mas lá atrás ficou claro para mim que eu não queria trabalhar dentro do jogo político. Meu negócio não era fazer política...

C.C. - Quer dizer, militância partidária, você tinha terminado já ou...?

E.M. - É, militância partidária, eu ... permaneci muito distante dela, digamos assim. Tenho relações com pessoas não só do partido, mas também de outros partidos que trabalham no campo de políticas que eu trabalho. Eu entendo essa militância temática, digamos assim, como uma militância política, no sentido de que você não defende políticas para favelas ou redistributivas por razões técnicas. São técnico-políticas, não é? Tem um projeto político por trás, têm ideias, têm horizontes normativos que estão informando aquilo. E, por outro lado, você está intervindo em uma coisa que produz redistribuição, então tem uma escolha política implícita aí. Mas, digamos assim, participar do jogo político, e ficar o tempo inteiro na luta política não era uma coisa que me agradava, como não me agrada até hoje. Não tenho a menor vontade de voltar para esse tipo de atividade. Mas interferir nas políticas públicas e interferir no modo como os governos fazem políticas é uma coisa que está no meu horizonte, e sempre esteve, e que o CEM viabilizou. Agora, por exemplo, nesse momento, a gente está fazendo dois trabalhos para a prefeitura de São Paulo: um para a avaliação de um programa de primeira infância, e o outro para geração de informações sobre precariedade habitacional para o plano habitacional do município, que vai ser enviado para a Câmara. Dois anos atrás, a gente ajudou a revisão do Plano Diretor produzindo análises. Então, eu estou muito envolvido com políticas públicas, e eu entendo que isso tem uma dimensão política. Mas eu nunca quis mais voltar para administrações diretamente.

C.C. - Esse momento que você está ainda no Cebrap, quando entra no Centro de Estudos da Metrópole, você vira professor também da USP.

E.M. - Isso. Em 2002, eu fiz um concurso e passei a ser professor da USP. O CEM foi criado em 2001 e logo depois eu virei professor da USP. 2001, não é? E em termos institucionais, a partir daí, tem sido isso: o CEM, a USP e essas dimensões institucionais da comunidade, inclusive internacionais, digamos assim. A Fapesp sempre colocou muita pressão para a



internacionalização dos Cepids, e especialmente durante o período que eu fui diretor, eu fiz um esforço muito grande nessa direção.

C.C. - Os projetos são todos em inglês também, tem que fazer...

E.M. - É. Os relatórios são todos em inglês, os avaliadores são estrangeiros, a avaliação é em inglês mesmo para os brasileiros. Têm sempre brasileiros no comitê que avalia, mas é tudo em inglês. Isso tudo foi muito importante, para empurrar o CEM para uma estratégia que olhasse para os grandes debates, para os debates que estão acontecendo em outros lugares e não só para o nosso debate doméstico. No bojo desse processo, eu também internacionalizei a minha participação na comunidade. Eu testei vários lugares e acabei descobrindo que a Sociologia Urbana é o lugar aonde a discussão sobre política urbana está incluída, por estranho que pareça. Então, no âmbito internacional, a discussão de política das cidades está muito mais na Sociologia do que na Ciência Política.

C.C. - A ISA você descobriu nesse momento. Quando é que você participou do primeiro congresso?

E.M. - Acho que foi em 2005 em Paris. A minha entrada na ISA é pelo RC21, não é? Research Committee 21, que é de Sociologia Urbana e Regional, que é o segundo ou terceiro maior da ISA e que eu presido no momento. E consegue manter quase com mil, novecentos e cinquenta associados, sendo ao menos uns seiscentos deles ativos. Então consegue manter encontros anuais, não só um encontro a cada quatro anos como a maior parte dos RCs, além do fórum de Sociologia no meio do caminho.

C.C. - Aconteceu agora.

E.M. - Mas o fórum de Sociologia, por exemplo, o RC21 não participa mais. Porque o nosso encontro é grande demais para caber no formato do fórum.

C.C. - Então esse agora em Viena, não participaram?

E.M. - Não. A gente está fazendo um no México agora, que é nosso.

C.C. - É, isso.

E.M. - Com trezentas pessoas. Se você vai para dentro do fórum, você tem que comprimir o seu encontro para caber em quase cinquenta apresentações!

C.C. - Sim, sim.

E.M. - E para nós isso é um problema grande. Ainda mais quando é na Europa! O nosso encontro do ano passado, foi em Urbino, na Itália. Teve quase quinhentos papers.

C.C. - Daqui a pouco vira uma associação à parte

E.M. - Então, é um negócio grande mesmo.

C.C. - Não pensam nisso? (riso)

E.M. - Não (riso)

C.C. - Fazer uma associação à parte?

E.M. - Não, não (riso). E a ISA que não nos escute!

[FINAL DO ARQUIVO 01]

C.C. - Mas eu queria fazer agora uma pergunta. Bom, você entrou na USP, passou a dar aula em 2002, não é? Já na Ciência Política. Você já tinha dado aula em alguns momentos, mas como professor colaborador, visitante e tal. Você passou a professor efetivo. Como é que é esse mundo de dar aula, dar aula na graduação, primeiro, não é? Depois na pós. A tua experiência é muito de pesquisa...

E.M. - Na verdade, não.

C.C. - De participação em projetos.... Não?

E.M. - Não. Na verdade, eu dei aula muitas vezes, mas sempre em lugares mais periféricos, então acaba que, na trajetória, a gente não reforça isso. Mas eu comecei, digamos assim, em cursos mais técnicos, logo depois de sair da graduação. Depois na Fiocruz, eu fui professor visitante, dei aula durante um ano e meio na residência e no curso básico de saúde pública. Durante o mestrado ainda eu dei um curso na Arquitetura. Tinha uma outra pessoa que era responsável, mas eu que dei um curso inteiro de Planejamento. Depois, quando eu acabei o meu mestrado, e tinha aquela dúvida, o que é que eu ia fazer da vida, se eu ia para a academia ou não ia para a academia, eu comecei a dar aula na São Judas. Dei aula dois anos e meio na São Judas. Na graduação, em Planejamento. E depois eu dei aula na PUC de Campinas quando eu acabei o doutorado, antes de entrar na USP. Parei de dar aula quando eu entrei na USP. Então, eu tinha uma experiência didática razoável de graduação, e digamos assim, graduações mais difíceis, não é? Porque eram de outras disciplinas, eram de cursos à noite, às vezes...

C.C. - Recolocando a questão: a experiência de dar aula mais em cursos mais técnicos ou de outras disciplinas. Agora não, você está em um curso mais clássico, de formação mais geral. Como é que foi essa experiência nova?

E.M. - Eu não a senti como uma experiência nova. Foi, eu diria que foi fácil e prazeroso, tanto a experiência da graduação quanto da pós. Quando eu virei professor da USP, continuei dando aula de optativas eu acho que durante dois anos. Aí depois eu fui para a pós e para básicas da graduação. Comecei a dar aula de Política I. Dei aula de Política I várias vezes. Eu gosto muito, na verdade, de dar aula na graduação, sabe? E gosto mais ainda de dar aula para alunos recém-saídos do Ensino Médio. E também tenho uma experiência na pós muito prazerosa. Eu nunca sofri para isso. Acho que o ambiente intelectual que a USP me providenciou, que o departamento me deu, me deixou fazer as coisas que eu achava que devia. Então, eu dei aula com uma certa liberdade de abordar os temas próximos aos meus temas de pesquisa, reforçar a discussão sobre urbano. Hoje eu sou a pessoa que pesquisa realmente temas urbanos no departamento de Ciência Política. O Adrian Lavale tem uma conexão, um diálogo com isso, a

Marta tem uma certa conexão, mas no meu caso o urbano está no centro da pesquisa. Quando eu entrei lá, o Lúcio Kowarick ainda era ativo, mas depois ele se aposentou.

C.C. - Mas e na Sociologia e na Antropologia?

E.M. - Na Sociologia e na Antropologia tinha pessoas, sim, e continua tendo. Na Sociologia tem o pessoal que discute violência, informalidade da Vera da Silva Telles. Um grupo grande de discussão sobre violência. Violência é um grande tema, não é? Lá na USP...

C.C. - Tem um núcleo muito importante também.

E.M. - É, do Nev. E na Antropologia tem o NAU com o Magnani, mas, posteriormente, também o...

C.C. - O Heitor.

E.M. - O Heitor e, agora, a Silvana. Mas dentro do meu departamento não tinha gente, então tinha outros diálogos, evidentemente, com a área de Políticas. E com a discussão de política em geral, política brasileira, comparada etc.

C.C. - Bom, a tua produção passa a ser sobre São Paulo, não é? Direto.

E.M. - É.

C.C. - Mudou-se de cidade não só...

E.M. - É.

C.C. - ... como experiência de vida, mas como experiência, objeto acadêmico também, não é?

E.M. - Eu acho muito difícil falar sobre objetos que não conhecemos de perto. Eu fiz algumas coisas depois de estar aqui, comparativas, incluindo o Rio de Janeiro. Mas são pouquíssimos os trabalhos mais de vulto que eu fiz que não envolveram estudos de caso densos. E é muito difícil fazer esse tipo de coisa sem que você esteja realmente conectado com o objeto. Então, eu vou ao Rio com frequência e eu tento acompanhar os debates na literatura, não é? Mas tento também andar pela cidade, em todos os lugares, fazer as coisas para entender o que estava acontecendo, e tal, mas...é diferente, se você não está realmente acompanhando o objeto, devotado a discutir.

C.C. - A produção acadêmica sobre Rio de Janeiro, você não consegue acompanhar, não?

E.M. - Não, acompanho, acompanho! Mas eu acho que é diferente... eu acho difícil ser um visitante assim... um visitante intelectual. Do jeito que eu produzo, é difícil fazer esse exercício de certa distância.

C.C. - Você ainda tem família no Rio?

E.M. - Tenho.

C.C. - Tem.

E.M. - É, eu vou com frequência ao Rio. E gosto muito do Rio!

C.C. - Eu me lembro que, uma época...o orientador era antropólogo urbano, não é? O Gilberto Velho. E tinha uns textos na época, não dele só, mas que discutiam se era fazer Antropologia *da* cidade ou *na* cidade. Quer dizer, mudando aqui para as ... O que é que, a cidade em si, muda ou se você está trabalhando, vamos dizer, com um arcabouço teórico aplicando em uma cidade?

E.M. - Exatamente! Esse é o meu tema atual, na verdade. Depois que eu saí da direção do CEM, eu estava trabalhando com um projeto sobre redes sociais e pobreza. Esse projeto acabou. Tinha um grupo relativamente grande de pesquisa, a gente fez várias publicações e livros. Tem um livro em inglês, dois livros em português, tem uma série de artigos... Mas, para mim, essa agenda se esgotou intelectualmente, e eu retornei para a discussão anterior sobre políticas no urbano. Comecei uma interlocução internacional principalmente com o Patrick Le Galés da Sciences Po, e, a partir das conversas com ele, também com colegas da UCL de Londres, e do México do Colégio do México, e de Milão, Bicocca. Montamos um projeto que funciona como uma rede aberta sobre governança em grandes cidades. E a questão é justamente, é exatamente essa aí que você tocou. Por um lado, quando eu trabalhei com políticas públicas, eu sempre fiz um esforço para incorporar os *não-estatais* dentro da análise das políticas. Pensar a análise de políticas como algo descentrado do governo propriamente. Incluindo, evidentemente, as agências de governo, que, no caso brasileiro, sobretudo, são muito importantes, mas incluindo outros atores. E aí ficou mais claro que, a construção de um avanço teórico pressupõe incorporar outros agentes não-estatais, incorporar casos diferentes. Então fazer comparações sul-norte, e não só comparações sul-sul. E tentar entender, nas palavras do Patrick Le Galés, passar para além da pergunta “who governs?” para entender quem governa o que, e quem governa o que o Estado não governa. Como são essas interpenetrações desses padrões de governança. Isso envolve o legal, o ilegal, o formal, o informal. A ambição maior seria conseguir estruturar um conjunto de elementos que caracterizem a política *do* urbano, e não a política *no* urbano, e as políticas do urbano e não no urbano. Entendendo o que é específico da cidade, o que essa política tem de específico pela relação que ela guarda com o espaço. Com os padrões de contiguidade, localização, distância, com os fluxos, com os trajetos, e com a forma como as pessoas, evidentemente, simbolizam isso, percebem o espaço, pensam o espaço e suas atividades, seus trajetos. Esse é o meu projeto de pesquisa presente. Eu tenho a *sorte* de ter tanto essa interlocução internacional forte, que acontece dentro da ISA, do RC21, mas tenho um conjunto de alunos, uma geração de alunos muito boa trabalhando sobre esses temas e sobre políticas. Então, a gente fez um livro sobre São Paulo, sobre as transformações de São Paulo nas últimas duas décadas, lançado em 2015. Ele saiu agora em junho em inglês, pela Routledge.

C.C. - Se chama *São Paulo, século XXI*.

E.M. - Sim. O livro em inglês é diferente, porque o padrão editorial deles é muito mais exigente. Tivemos um editor que fez diversas sugestões de inclusão de capítulos, de exclusão de capítulos. Eu tive que escrever três capítulos a mais e tiramos outros três. E a gente está montando um outro livro agora, que é um par dele, que é sobre políticas públicas em São Paulo. O que saiu é um livro mais sócio-econômico-espacial, e o segundo vai ser sobre políticas públicas mesmo.

C.C. - Agora, a tese de doutorado, que foi sobre o Rio, não é? Você publicou em livro?

E.M. - Publiquei. É um livro de 2000.

C.C. - Ah tá. Que eu não tinha ...

E.M. - Se chama Estado e redes sociais. E depois, o pós-doc virou um outro livro em 2003, que é o livro sobre São Paulo.

C.C. - *Redes sociais*, não é?

E.M. - É, se chama Redes sociais, Instituições e Atores Políticos no governo da cidade de São Paulo, mas os dois usam redes sociais.

C.C. - Uma dúvida sobre a tua experiência como professor na graduação, ou na pós, mas na graduação, principalmente. Os alunos se interessam por pesquisa aplicada, ou não? Eles seguem outros locus. Outros loci.

E.M. - Tem muito alunos, não é? Então é sempre bem heterogêneo o grupo. Tem um conjunto de alunos que, evidentemente, já desde o começo se interessam por uma trajetória acadêmica. Tem um conjunto de alunos que já estão trabalhando, no nosso caso, lá na USP. Já estão trabalhando em administrações públicas, são funcionários públicos, sobretudo à noite, o pessoal que trabalha de dia. Então, já tem um interesse muito grande por aplicações. E tem um conjunto de alunos que realmente não sabe o que fazer com aquilo. Mas, têm bons diálogos, tanto na coisa aplicada, quanto na discussão mais teórica. Talvez, tenha uma última coisa que talvez tenha sentido destacar na minha experiência recente. O departamento, junto com o IRI da USP e a IPSA, criou uma Summer School de métodos, a primeira da International Political Science Association, no sul global. Como um piloto, na verdade, de uma rede que eles queriam criar. Nós fomos a primeira, criada na USP pelo Mathew Taylor, um colega lá do departamento, que depois, infelizmente, voltou para os Estados Unidos. E quando ele voltou, eu assumi a coordenação da Summer School. Fiquei quatro anos na coordenação, no período mesmo de consolidação.

C.C. - E como funciona? Conseguiu atrair gente? Quantidade...

E.M. - É uma experiência bem interessante, eu acho. Bem importante. Durante esse período que eu fiquei, a gente profissionalizou a Summer School, digamos assim. Porque começou com uma coisa com muito poucos alunos e com uma estrutura bem improvisada e também poucos recursos. A gente mobilizou recursos e foi estruturando a escola para aumentá-la. Então ela passou de sessenta para duzentos e vinte alunos. E de seis cursos para doze. Hoje ela funciona com três semanas e antes ela funcionava com duas. A sétima versão vai ser em fevereiro.

C.C. - Agora, ela fica institucionalmente ligada ao que? Ao Centro de Estudos da Metrópole?

E.M. - Não, é ligada ao departamento de Ciência Política e ao IRI.

C.C. - Departamento de Ciência Política mesmo?

E.M. - É. Ela é coordenada hoje por dois colegas do departamento. Pela Lorena Barberia e pelo Glauco Peres, e por duas colegas do IRI, a Daniela Schettini e a Adriana Schor. A IPSA mantém duas escolas de métodos antigas, uma em Lubliana na Eslovênia, e outra em Essex na Inglaterra. E eles tinham o projeto de fazer uma rede no Sul global, para expandir o uso de

métodos, tanto quantitativos quanto qualitativos ou ligado a teoria. Então, a nossa em São Paulo foi a primeira. Quando nós estávamos no nosso segundo ano, eles abriram uma na África do Sul, Stollembush. No nosso terceiro ano, eles abriram uma em Singapura. E agora eles fizeram uma em Ankara, na Turquia. E estão implantando uma no México também. A ideia é cobrir uma grande diversidade geográfica.

C.C. - Você participa da Ipsa também?

E.M. - Não, muito pouco. Eu fui a duas IPSAs ao longo da minha vida toda. Eu acho que os meus assuntos têm muito pouca repercussão dentro da IPSA. A discussão urbana é muito pouco presente dentro da IPSA. Por isso que eu tenho colocado todas as minhas energias na ISA. A minha participação na IPSA disse respeito à Summer School, principalmente.

C.C. - Mas, no Brasil, na ABCP, você vê mais espaço, ou não?

E.M. - Vejo sim, vejo. Acho que a ABCP dentro da área de Políticas Públicas, não é?

C.C. - Políticas Públicas...

E.M. - Como uma sub-área dentro de Políticas Públicas. O que não é necessariamente preciso, em termos temáticos. Têm coisas que não são políticas públicas. Mas é, digamos assim, acolhida dentro. A gente não tem uma área de política e política do urbano. Pode ser que, no futuro, passe a ter.

C.C. - Está ótimo. Bom, você já falou o teu projeto atual. Eu tinha mais uma pergunta, na verdade, de curiosidade, que eu faço para quase todos os entrevistados. Se você tivesse que destacar um livro que, sei lá, que te marcou, na tua trajetória, seja lá em que momento, que foi especialmente marcante. Qual seria?

E.M. - “Bringing the State back in”.

C.C. - Quando que você leu?

E.M. - Em 1992 talvez, 1993.

C.C. - E por que ele te marcou?

E.M. - Porque pelas razões que eu tinha já descrito, a minha formação no Ippur foi muito sólida em Sociologia, mas foi ausente na discussão sobre políticas públicas e Estado. No desenvolvimento do meu mestrado, eu senti a necessidade de ferramentas analíticas e teóricas para discutir Estado, para entender a permanência das instituições, para entender o que explicava as dinâmicas políticas internas ao Estado. E depois, a minha passagem pelo poder público só reafirmou isso, de que o Estado é cheio de dinâmicas, de padrões e processos complexos, disputas políticas internas. Então, quando eu, tive contato com o neoinstitucionalismo, ele veio responder uma série de questões que estavam presentes tanto nas minhas inquietações acadêmicas na época, jovem, saindo do mestrado, quanto de quem estava trabalhando no poder público e dialogando diretamente com assuntos burocráticos, com a estrutura do Estado, com os procedimentos, com a importância dos procedimentos, a importância das instituições em geral, e tinha sido informado, teoricamente, por um paradigma que dizia que aquilo não era importante.

C.C. - Bom, Eduardo, muito bem. Muito obrigado pela entrevista.

E.M. - Obrigado você.

C.C. - Por colaborar. Obrigado também o João.

[FINAL DO DEPOIMENTO]